quarta, 27 de maio de 2020
ISSN 1519-7670 - Ano 20 - nº 1089

Projor Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo

Observatório da Imprensa
Você nunca mais vai ler jornal do mesmo jeito

Feitos & Desfeitas

A imprensa de Balzac e o galucho

Edição 708

por Osni Alves Júnior

21 de agosto de 2012

Recentemente saquei da minha pequena biblioteca um dos títulos que mais gosto – *Os jornalistas*, de Honoré de Balzac. Um livro é sempre uma boa companhia. meus jornalistas favoritos, no campo da literatura sociológica, são Balzac e Gabriel García Márquez, dois dos quais não faltam na minha casa. O primeiro atuou na França do século 18. O segundo, um exímio escritor, colombiano, ainda vive e, principalmente, nos presenteia periodicamente com suas crônicas.

Mas voltemos a Balzac. No referido livro, que é uma obra construída a partir de duas outras, *Monografia da imprensa parisiense* e *Os salões literários*, o autor destila seu veneno contra as redações da época com a célebre frase: "Se a imprensa não existisse, seria preciso não inventá-la", mas declara a importância da atividade para o equilíbrio do governo vigente, seja democrático, monárquico ou outro: "O poder, que dorme em enganosa segurança, só compreenderá seus erros contra a inteligência à luz de um incêndio iniciado por algum pequeno livro". Referia-se aos panfletos, progenitores dos jornais.

É interessante perceber este antagonismo que rodeia a imprensa, principalmente entre os que dela vivem. Trata-se de uma relação de amor e ódio, uma infinita transição de sentimentos. No Brasil, principalmente em época de eleições, isto fica ainda mais claro. Inclusive, a exemplo da imprensa norte-americana, que se dá à liberdade de se posicionar politicamente, defendendo um lado em detrimento de outro, de forma aberta e assumida, em terras tupiniquins o contexto está ficando cada vez mais idêntico, mas não por força da liberdade de expressão e imprensa, e sim, pelas guerras entre os grandes grupos, com troca de acusações etc.

"Já tentaram me corromper"

Porém, até neste ponto Balzac foi enfático, dizendo: "A imprensa não é tão livre quanto o público imagina. Na França e no estrangeiro, segundo esta expressão *liberdade de imprensa*. Há fatos impossíveis de serem contados e cautelas necessárias com os fatos de que falamos. Assim, o jesuitismo, tão estigmatizado com Pascal, era menos hipócrita que o da imprensa. Para sua vergonha, a imprensa só é livre frente aos fracos e às pessoas idosas."

Será que é por isto que a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Cachoeira optou por não intimar jornalistas e empresários de comunicação arrolados nos autos da Polícia Federal em esquemas comprovadamente existentes de subserviência de revistas e apurações "jornalísticas" a interesses escusos? Balzac que o diga! Em um dos trechos mais ácidos, Balzac afirma o seguinte: "Os jornalistas, verdadeiros reizinhos adulados, fazem tremer os governos, fazem e desfazem as reputações, suscitam invejas e rancores. E, mais frequentemente do que se imagina, também transformam sua influência em vantagens materiais da forma mais abjeta."

Esta declaração traz à memória a questão da obrigatoriedade do diploma para exercício da profissão de jornalista. Além de reserva de mercado para aqueles que optaram por esta carreira, o documento não é garantia de muita coisa, mas ajuda a nortear, regulamentar e até mesmo refrear índoles mais afoitas de empresários menos escrupulosos. É claro, tudo na devida proporção, pois todos estão à mercê de serem corrompidos a qualquer momento, como diz o polêmico apresentador Datena (*Brasil Urgente*, Band): "Já tentaram me corromper, mas ainda não chegaram ao meu preço."

Exótico e anedótico sem importância

Não há um motivo único e que explique o porquê deste modelo de negócio da imprensa – hoje mídia – brasileira. Há muitas especulações em torno do tema, poucos estudos, até por que uma empresa abriria suas portas para um pesquisador desta natureza? Mas Balzac traz a informação, embora pautada na realidade dos séculos 18 e 14, mas ainda coerente com o segmento no mundo todo, explicando: "Todo jornal (leia-se mídia) que não aumenta sua massa de assinantes (leia-se público), seja ela qual for, está em decrescimento".

Quase ia esquecendo e o leitor deve estar se perguntando o que é o tal "galucho" no título deste artigo. Trata-se de uma palavra de origem espanhola que Balzac utilizou em seus artigos para se referir ao Brasil por trazer a concepção de exótico e anedótico sem importância, de acordo com nota dos editores. Já segundo o *Aurélio*, significa novato, inexperiente, dentre outros sinônimos.

***

[Osni Alves Júnior é jornalista, Rio de Janeiro, RJ]

Receba notícias em seu e-mail

Seu e-mail

SUBSCREVER

Osni Alves Júnior

VER OUTRAS PUBLICAÇÕES DO AUTOR

Aos leitores

Os artigos publicados nesta página não refletem necessariamente uma opinião do Observatório da Imprensa, já que somos um fórum de opiniões. Procuramos publicar os textos recebidos como parte de nosso compromisso com a diversificação das fontes de informação. Como ninguém é dono da verdade, a melhor forma de buscar a objetividade é através do contato com perspectivas e opiniões diferenciadas, o que nos permite neutralizar o discurso do ódio e da intolerância.

ARTIGOS RECENTES

Imprensa e Bolsonaro: o que está em jogo na batalha pela opinião pública

por Carlos Castilho

26 de Maio de 2020

A imprensa para além do cercadinho do Alvorada

por Equipe do Observatório da Imprensa

26 de Maio de 2020

Nirlando Beirão: Jornalismo com princípios

por Nereide Lacerda Beirão

26 de Maio de 2020

Fabiana Moraes: "Toda prática jornalística é posicionada e ideológica"

por Dairan Paul

26 de Maio de 2020

Malafaia, a sua versão da Bíblia tem o verbo foder?

por Rui Martins

26 de Maio de 2020

OI NO FACEBOOK

Observatório da Imprensa
292.283 curtidas
Curtir Página
Compartilhar
Seja a primeira pessoa entre seus amigos a curtir isso.

Copyright © 2020. Todos os direitos reservados

(cc) BY-NC-SA